

Langoni não crê em acordo com credores

Rio — Dificilmente o Brasil obterá hoje, quando os enviados especiais do Ministério da Fazenda e do Banco Central recomeçam, em Nova Iorque, as rodadas de negociações da dívida externa, um acordo imediato com os bancos credores. A retomada das conversações com os banqueiros internacionais deve ser apenas o primeiro passo para que o Governo brasileiro defina sua proposta de renegociação da dívida, descubra uma forma inteligente de sair da moratória e garanta dinheiro novo para o País.

Para o presidente do BC no Governo Figueiredo, Carlos Langoni, este novo encontro com os credores deve ser aproveitado para que o Governo brasileiro defina de maneira mais concreta sua proposta de solução do problema da dívida. Até então, o Brasil, segundo Langoni, apresentou uma idéia muito vaga, "um leque de alternativas sem definir valores e a composição da negociação".

— O Brasil deveria partir para uma negociação mais realista, abrindo não de alguns itens, como é o caso dos bônus e do spread zero. Ao invés disso, a saída será propor a capitalização dos juros vencidos e solicitar dinheiro novo, só que com um prazo mais longo, pois estabelecer um período de três anos para a entrada de recursos dificulta a negociação — argumenta.

Carlos Langoni não acredita na possibilidade de pagamento simbólico de parte dos juros da dívida, já que o nível das reservas brasileiras, em torno de 3 bilhões de dólares, ainda é muito baixo para viabilizar essa operação. Entretanto, o ex-presidente do BC espera que o Brasil consiga acabar com a moratória, que só gera um clima de incerteza e afasta o investidor estrangeiro.

O economista da Fundação Getúlio Vargas, Paulo Nogueira Batista Júnior, também defende o fim da moratória, mas apenas quando o Governo brasileiro tiver obtido um acordo abrangente e de longo prazo com os credores.